

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

O juízo absoluto e a paralisia da linguagem [Absolute judgment and paralysis of language]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-26 06:28:07
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160436

de inscrições de traços mnemônicos da barbárie. Na literatura e nas artes, podemos ler esta ambígua escritura de traços, na qual esquecimento e memória se misturam.

IHU On-Line - E como a literatura, a teoria literária e a literatura comparada apreendem essas ideias em seus campos de saber?

Márcio Seligmann-Silva - A literatura não existe, ainda bem, como uma figura abstrata: ela é constituída da infinidade de obras do passado e do presente. Nela simplesmente, como indiquei, o biopolítico e a vida nua se expressam, inscrevem-se e manifestam-se e permitem um olhar em distância e um olhar crítico. Já na teoria literária e na literatura comparada também percebemos a mencionada resistência a mirar esse aspecto eminentemente político do campo artístico-literário. Existe até hoje uma tendência a tentar-se resguardar a literatura e as artes como parte de um campo descolado do real e da história. Atua aí a ideologia (do século XIX!) da arte pela arte e da autonomia da esfera estética. Outras vezes a literatura é vista de modo mecânico como reflexo do histórico, mas aplica-se aí tanto um conceito positivista de representação como a noção de histórico, que é simplista e justamente não leva em conta esta teoria da violência e a perspectiva aberta pelo conceito de biopolítica. Trata-se de um discurso conservador que reflete a mente conservadora de onde emana. Por outro lado, já há umas duas décadas, existe também toda uma linhagem da teoria literária e da literatura comparada que atua dentro dos estudos culturais e dá muito valor ao testemunho. Mas aí o risco é o de se adotar um tom paternalista e meramente autocomplacente. Atua aí um politicamente correto perigoso que, na verdade, apenas reproduz as hierarquias que aparentemente quer desconstruir.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Márcio Seligmann-Silva à IHU On-Line.

* A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra. Edição número 265, revista IHU On-Line, de 21-07-2008, disponível em <http://bit.ly/bv4h02>.

O juízo absoluto e a paralisia da linguagem

Violência impessoal é a fonte da paralisia da linguagem, avalia o filósofo Ricardo Timm, a partir das obras de Franz Kafka. Ele estabelece, também, nexos com a pura violência e a vida nua

POR MÁRCIA JUNGES

Kafka pode ser considerado um “hermeneuta de um ‘tempo patológico’”, conceito esse que pode ser compreendido como o “paradoxo de uma temporalidade sem vitalidade, um tempo semiparalisado, interdito, inercial, quantificável em infinitas partes intercambiáveis como mero jogo pretensamente inconsequente”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail pelo filósofo Ricardo Timm à **IHU On-Line**. Ele explica que a paralisia da linguagem é “a situação na qual a vitalidade da linguagem que diz o novo é substituída pela lógica de seus enunciados”. E continua: “é quando o núcleo da violência não é um ser vivo, perverso ou poderoso, que poderia falar mas não fala, mas, sim, é - como em várias obras de Kafka - uma máquina, o aparelho, o impessoal, o status quo, a multiplicação de imagens e fantasmas e promessas fútuas de felicidade, a quantidade que fala absolutamente, ou fala de forma absolutamente violenta, porque se cala absolutamente”. Esse tema foi objeto do minicurso *O juízo absoluto e a paralisia da linguagem: a pura violência e a vida nua*, ministrado em 16-09-2010, dentro da programação do **XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana**.

Timm é graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e em Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs) com a tese *Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt - Ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Lévinas*. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *Sujeito, Ética e História - Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença - Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). É também um dos organizadores de *Alteridade e Ética - Obra comemorativa dos 100 anos do nascimento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a relação entre o juízo absoluto e a paralisia da linguagem?

Ricardo Timm - Utilizemos para en-

caminhar uma possível resposta a esta questão o exemplo privilegiado proposto à contemporaneidade pela obra de Franz Kafka. Temos defendi-

do, ao longo de alguns de nossos estudos sobre Kafka, que este autor pode ser lido, sob vários aspectos, como um refinado hermeneuta de um “tempo patológico”, e que sua obra pode ser compreendida também desde o viés condicionado por esta posição frente à realidade. Por “tempo patológico” entendemos o paradoxo de uma temporalidade sem vitalidade, um tempo semiparalisado, interdito, inercial, quantificável em infinitas partes intercambiáveis como mero jogo pretensamente inconsequente. Assim, a partir de tal hipótese, podemos avançar um pouco mais: não se trata somente da temporalidade que, detida em seu processamento, em sua vitalidade própria, é substituída por estruturas parasitárias do mundo que configuram sua doença. Trata-se agora da própria linguagem que, detida em seu processar, em sua verbalização, paralisada em seu decorrer constituinte de realidade, em seu Dito, fixada em termos de mera cadeia de enunciados, acaba por se recriar em seus reflexos formais, em seus Ditos, ocasião em que tais reflexos se substituem à linguagem propriamente considerada, dando lugar à pura violência - outro nome para o que temos chamado em outros lugares de “paralisia da linguagem”.

Em outros termos, entendemos por paralisia da linguagem a situação na qual a vitalidade da linguagem que diz o novo é substituída pela lógica de seus enunciados e - para falar com Lévinas¹ - quando o sentido do Dizer em processo sempre inacabado acaba sendo substituído pelo sentido haurido da interpretação particular ou particularizada do já dito, cristalizado em si mesmo - ou seja, quando o núcleo da violência não é um ser vivo, perverso ou poderoso, que poderia falar mas não fala, mas, sim, é - como em várias obras de Kafka - uma máquina, o aparelho, o impessoal, o *status quo*,

1 Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentador talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://mi-gra.me/Dsy6>. (Nota da IHU On-Line).

a multiplicação de imagens e fantasmas e promessas fâtuas de felicidade, a quantidade que fala absolutamente, ou fala de forma absolutamente violenta, porque *se cala* absolutamente. Entende-se aqui por “violência” a detenção do tempo da linguagem, ou seja, da linguagem enquanto “tempo que se diz”, e que nunca se disse completamente.

IHU On-Line - Como essa problemática é impactada pela pura violência e vida nua?

Ricardo Timm - A catástrofe difusa em termos benjaminianos e como bem desenvolve M. Seligmann-Silva², ou seja, a forma difusa de expressão da catástrofe, é o mundo dos indivíduos dispersos, das qualidades transformadas em mera quantidade infinitamente multiplicada, das trocas irrestritas de todos por todos e de tudo por tudo sem que nada mude - pois cada um é apenas o que seu sentido define numa sociedade de amortecimento tão completo quanto possível. Mundo que não pode senão acabar assumindo a feição de um mundo (em qualquer acepção que se tome essa palavra, pois todas as acepções remetem finalmente a uma designação socioecológica) inumano. Essa seria, para nós, uma boa definição contemporânea de “violência” à qual a vida nua está exposta, que constitui seu inóspito habitat. A esse mundo inumano, no qual a violência maciça reina em todas as direções e sentidos imagináveis, esse paraíso da injustiça no qual o in-suportável é suportado (se quisermos utilizar esse jargão, na maior de todas as contradições lógicas, a contradição impossível, porém real), chamamos exatamente, na trilha de Benjamin e de seu intérprete Agamben, de estado de exceção tornado regra, o “estado de exceção em que (todos, sem exceção) vivemos”. O “estado de exceção tornado regra” é a condição de acontecimentos quotidianos que chamamos “violentos” e que diuturnamente ocupam as consciências e penetram as sensibilidades.

2 Confira a entrevista concedida por Márcio Seligmann-Silva nesta edição, intitulada *A literatura de testemunho e a afirmação da vida*. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Qual é a contribuição de Foucault e Agamben para compreendermos o (des)governo biopolítico ao qual estamos submetidos?

Ricardo Timm - Permanece, na trilha dos autores citados e ressalvadas suas especificidades e distinções, a constatação incômoda e reiterada da “grande recusa” de Blanchot³ e Marcuse⁴, a saber, a de que vivemos uma era opaca, na qual impera “(...) uma razão que nós não aceitamos mais, (...) uma aparência de sabedoria que nos causa horror, (...) uma oferta de acordo e de conciliação que nós não entendemos(...)”, em que “uma ruptura se produziu (e) (...) fomos lançados a esta franqueza que não mais tolera a cumplicidade”. Esta constatação expressa por si só a necessidade da tarefa filosófica por excelência a realizar, a saber, uma *crítica da razão opaca*. Pois permanece completamente válido o que outrora escrevemos, que “(o essencial) da questão, aquilo que quer ser repetido *ad nauseam* (é): nem tudo é como parece. No grande e colorido universo da indiferença, nem tudo é indiferente; em meio às promulgações da inelutável neutralidade, nada é realmente neutro. A sociedade supermoderna e suas caricaturas (...) conservam em si, como seu segredo mais reservado, exatamente a mesma essência dos períodos mais obscuros da história. A mediocridade, a infinita disseminação, a multiplicação aparente do vazio, não é mais do que a ardilosa e supremamente inteligente expressão que a hegemonia - a totalidade - encontrou para preservar seu verdadeiro núcleo de olhares indiscretos.” Essa é, igualmente, uma descrição crível da racionalidade instrumental que em todo lugar se encontra, e que se confunde, de algum modo, com a própria ideia de racionalidade, pela confusão

3 Maurice Blanchot (1907-2003): filósofo, romancista e crítico literário francês, autor de *O espaço literário* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987), *Pena de morte* (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e *El paso (no) más Allá* (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

4 Herbert Marcuse (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado norte-americano, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da IHU On-Line)

que estabelece com seus produtos e produções nos quais vivemos todos, de algum modo, semi-imersos. Aliás, é a semi-imersão - ou a semi-emersão - que permite a percepção do entre-lugar, dos entre-espacos de profunda crise que intentamos transformar em crítica, o que consiste, no modelo de argumentação aqui proposto, no primeiro passo da crítica da razão opaca propriamente dita. A estranha distância, ou o intervalo que separa a diferença (lógica) da indiferença (moral), é o verdadeiro entremeio no qual se dará o ensaio para a percepção futura da justiça como distância entre seu conceito e sua realidade ou, o que de modo mais sutil conflui finalmente ao mesmo ponto, justiça como frágil consciência da distância infranqueável entre o conceito mesmo de morte e a morte irrepresentável como tal. Cremos, aliás, poder afirmar que esta hermenêutica particular que realizamos das obras de Foucault e Agamben é compartilhável com uma vasta gama de autores, tais como Adorno⁵, Lévinas e Derrida⁶.

IHU On-Line - A partir de suas filosofias, poderíamos aventar a hipótese de que a vida humana foi reduzida à mera "vida nua"? Por quê?

Ricardo Timm - Seu mérito principal consiste exatamente em mostrar como há uma causalidade necessária - fática, e não apenas teoricamente - entre

⁵ Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8bA>. (Nota da IHU On-Line)

a quantificação e a transformação do vivo em mera quantidade, ou seja, em "vida nua", pelas razões que aduzimos anteriormente. Trata-se de um *insight* que a imensa maioria dos filósofos significativos da contemporaneidade cultiva com muito cuidado, pois é o real fulcro de compreensão do momento no qual vivemos em termos, por assim, dizer *eco-sociopolíticos*.

IHU On-Line - Qual é o espaço da subjetividade e da liberdade numa sociedade altamente controlada em seus mais variados aspectos, como a nossa?

Ricardo Timm - A tarefa ético-política da geração que vem inicia, como já sugerimos a partir da referida análise da obra de Kafka e pelo aparato categorial que Lévinas nos fornece, pela (re)apropriação da linguagem em sua verbalização, em seu tempo próprio, ou seja, pela renúncia ao abandono de todas as esperanças no nível de meras análises de sentenças mortas que só dizem algo a um mundo morto; em outros termos, e novamente na inspiração de Lévinas, os ditos, os ritos do culto totalizante, signos do grande Dito em que se constituem as realidades pretensamente improfanáveis que permitem que o insuportável seja suportado no corpo de seu culto, devem dar lugar, pelo tempo levado a sério, ao Dizer que diz infinitamente mais do que qualquer (já) dito, pois tem todo tempo para fazê-lo. Assim, para falar com Benjamin e Agamben, profanar o opaco ou, o que dá no mesmo - na esteira de Derrida -, a procura obsessiva pela justiça, é o início de toda crítica filosófica e a qualificação de toda atividade racional. É por ela que se dá a metamorfose do indivíduo - quantidade - em sujeito ético - qualidade, ou seja, a condição de toda esperança, busca, no tempo, pela realização tão plena quanto possível da *liberdade ética* levinasiana. Em suma: a distância incommensurável que separa o mero *conceito* de morte do *corpo* morto é *tudo* o que se tem da realidade e, portanto, é o espaço onde se pode dar a obsessiva busca pela justiça, ou seja, a vida. É neste *intervalo* que o exercício da dignidade - dignidade humana, expressão de dignidade do mundo, dignidade do

mundo, transbordamento generoso da dignidade humana - é unicamente possível; é neste *intervalo* que o humano pode se reencontrar consigo, apesar de tudo. A busca obsessiva pela justiça inicia pela fissura do opaco, pela compreensão do dito de Adorno de que "só existe uma expressão para a verdade - o pensamento que nega a injustiça", *pois a filosofia é, essencialmente, uma questão moral*; segue pelas sendas infinitas do tempo instituído em recriação de sentido; e culmina logo além do im-possível, no ponto de fuga que a perspectiva da redenção significa. Este arco vital - o único possível, no que se refere a questões de vida e morte - é a expressão da justiça em seus termos filosóficos mais próprios.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Ricardo Timm à IHU On-Line.

* *Os desafios de uma nova ética*. Edição 264, revista IHU On-Line, de 30-06-2008, disponível em <http://bit.ly/9QLfC>.

* *A Filosofia mudou muito depois de Auschwitz*. Edição 265, revista IHU On-Line, de 21-07-2008, disponível em <http://bit.ly/9QLfC>.

* *A contribuição de Lévinas à humanização da sociedade*. Edição 277, revista IHU On-Line, 14-10-2008, disponível em <http://bit.ly/b0LGaw>.

BAÚ DA IHU ON-LINE

A revista IHU On-Line já publicou outras edições relacionadas com a temática do biopoder. Confira.

* *Michel Foucault. 80 anos*, número 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/SOcF>;

* *Michel Foucault e as urgências da atualidade. 20 anos depois*, número 119, de 18-10-2004, disponível em <http://migre.me/SOdD>;

* *Uma sociedade de mulheres?*, número 210, de 05-03-2007, disponível em <http://migre.me/SOHy>;

* *Frida Kahlo - 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos*, número 227, de 09-07-2007, disponível em <http://migre.me/SOjn>;

* *Mulheres e a sociedade contemporânea. Conquistas e desafios*, número 249, de 03-03-2008, disponível em <http://migre.me/SOKB>;

* *União homoafetiva. A luta pela cidadania civil e religiosa*, número 253, de 07-04-2008, disponível em <http://migre.me/SOLA>;

* *A pílula. 50 anos depois*, número 332, de 07-06-2010, disponível em <http://migre.me/SOnc>.

* *Corpo e sexualidade. A contribuição de Michel Foucault*, número 335, de 28-06-2010, disponível em <http://bit.ly/akyixX>;

* *O (des)governo biopolítico da vida humana*, número 343, de 13-06-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9g>.